



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos entre Brasil e Venezuela, por ocasião da Cúpula Sul-Americana**

**Palácio do Planalto, 29 de setembro de 2005**

Meu caro amigo e presidente da Venezuela, Hugo Chávez,

Meu caro amigo Ali Rodriguez, ministro de Relações Exteriores da Venezuela,

Meu caro companheiro embaixador Celso Amorim, ministro de Estado das Relações Exteriores,

Meus queridos companheiros ministros brasileiros e ministras,

Caros companheiros e ministros das Relações Exteriores dos países participantes da 1ª Reunião da Cúpula Sul-Americana de Nações,

Meu caro Rafael Ramirez Carreño, ministro de Energia e Minas e presidente da Petróleo da Venezuela S.A. – PDVSA,

Meus queridos companheiros deputados, senadores,

Meu caro governador do estado de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos,

Meu caro governador do Acre, Jorge Viana,

Senadores Aloizio Mercadante, Delcídio Amaral, José Jorge, Romero Jucá e Tião Viana,

Já que está aqui, eu vou ler todos os deputados: Agnaldo Muniz, André de Paula, Arlindo Chinaglia, Carlos Abicalil, Carlos Eduardo Cadoca, Doutor Rosinha, Eduardo Campos, Fernando Ferro, Guilherme Menezes, Jorge Gomes, José Borba, José Chaves, José Pimentel, Luciano Zica, Maurício Rands, Pedro Corrêa, Renildo Calheiros e Wasny,



Meus amigos integrantes da comitiva da Venezuela,  
Vice-governador do estado de Pernambuco, José Mendonça,  
Meu querido companheiro João Paulo de Lima e Silva, prefeito de  
Recife,

Nosso querido companheiro José Sérgio Gabrielli de Azevedo,  
presidente da Petróleo Brasileiro, da Petrobras,

Nosso querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Humberto Costa, nosso ex-ministro da Saúde,

Companheiro Silas, que é o nosso ministro de Minas e Energia,

Meus amigos e minhas amigas,

Normalmente, quando vem muita gente, a nominata é maior do que o discurso. Mas vocês terão paciência.

Primeiro, eu queria dizer ao presidente Chávez e à sua delegação que o que estamos fazendo hoje é a concretização de um sonho, como disse o Chávez, alimentado por muitos combatentes que ao longo de séculos marcaram a História da América Latina. O sonho da integração, o sonho de não permitir que a geografia, marcada por cada um dos governos, deixasse com que estivéssemos tão próximos mas, ao mesmo tempo, estivéssemos tão distantes, como sempre estivemos.

No caso do Brasil, presidente Chávez, sempre prevaleceu uma cultura de que a nossa relação preferencial era com os Estados Unidos e com a União Européia e que os países pobres deveriam ser secundarizados nas nossas relações.

Passamos anos, é só olhar o mapa do Brasil que qualquer um, de mediana inteligência, vai perceber que todo o desenvolvimento do Brasil se deu exatamente voltado para os colonizadores. Foi na nossa costa marítima, onde se deu todo o desenvolvimento, nesses 500 anos. E poucas vezes se pensou em fazer com que o Brasil se desenvolvesse para dentro, na sua fronteira com



todos os países da América do Sul. Aliás, muitas vezes achamos que os países da América do Sul eram nossos inimigos, e eles achavam que o Brasil era inimigo deles.

Eu conversei com muitos presidentes, desde que tomei posse, e eu ouvi muita coisa sobre o Brasil. Por exemplo, teve Presidente que me disse que passou 30 anos da vida dele acreditando que o Brasil era imperialista e que, portanto, era preciso tomar cuidado com a relação com o Brasil.

Tinha presidente que tinha medo das empresas brasileiras e não tinha medo das empresas americanas, européias ou japonesas, porque foi um caldo de cultura, criado ao longo de muitos e muitos anos, que fez com que nós fôssemos tão afastados.

Eu me lembro, Chávez, que mesmo quando eu era dirigente sindical, eu recebia, pelo menos 10 ou 15 convites por ano para viajar para Europa e para viajar para os Estados Unidos. E convidamos, também, todo ano, dirigentes sindicais da Europa e dos Estados Unidos para virem ao Brasil, e nós não tínhamos o hábito de ter relações com o movimento sindical da América do Sul. Tínhamos um PIT-CNT do Uruguai, que tinha muitos companheiros exilados no Brasil, com quem tínhamos relações boas.

Mas a verdade é que também os dirigentes sindicais de outros países da América do Sul – e você conhece bem os da Venezuela – tinham relações com o mundo inteiro, mas não tinham relações entre nós.

Eu acho que nós devemos, o que está acontecendo hoje... primeiro, a decisão política dos dois países, dos dois Presidentes. Mas, sobretudo, eu não poderia deixar de mencionar, aqui, Chávez, o trabalho que os nossos ministros das Relações Exteriores fizeram nesse tempo. Eu penso que a disposição do ministro das Relações Exteriores da Venezuela, o nosso companheiro Ali, a abnegação do nosso companheiro Celso Amorim, porque não basta os Presidentes decidirem, porque muitas vezes decidimos e as coisas não acontecem. Ou seja, o que é importante é que as pessoas que vão executar



essa relação, acreditem naquilo que estão fazendo. E eu posso dizer que eu não sei em que momento da história da diplomacia brasileira nós tivemos um companheiro que acredita na integração, como o companheiro Celso Amorim. Acho que poucas vezes nós tivemos, pouquíssimas vezes.

E o presidente Chávez também escolheu, para ministro das Relações Exteriores, um companheiro que acredita, que não vê nessa relação com o Brasil uma disputa, mas que vê nessa relação com o Brasil uma relação harmoniosa que, certamente, vai fazer bem para o Brasil, para a Venezuela e para todos os países da América do Sul.

É por isso que nós, hoje, estamos aqui, não apenas assinando os acordos, mas nós estamos aqui para inaugurar a primeira reunião de uma coisa que parecia impossível, aos olhos teóricos de alguns analistas, de que o Brasil, a Venezuela e os outros países da América do Sul constituíssem a Comunidade Sul-Americana de Nações.

Nós, com a consciência de que essa comunidade que tem que ser integrada do ponto de vista político, cultural, do ponto de vista comercial, mas, sobretudo, tem que ser integrada do ponto de vista da nossa infra-estrutura, porque sem comunicação, sem energia, sem pontes, sem ferrovias, sem hidrovias, sem estradas, sem aeroportos, não há integração. Haverá discursos, mas não integração de verdade, não haverá.

Nós, certamente amanhã, teremos tempo de discutir uma série de coisas mas, o mais importante é a gente dar uma reparada no mapa da América do Sul e ver a quantidade de obras que está sendo executada, em parceria entre um ou mais governos. Esse é o resultado concreto.

E certamente, presidente Chávez, isso incomoda. Incomoda porque as pessoas estavam habituadas a decidirem e nós a dizermos “amém”. Agora, nós não queremos tirar nada de ninguém, nada. A única coisa que nós queremos dizer ao mundo é que eles percebam que nós gostamos de nós, que nós nos respeitamos e que nós queremos ser ouvidos enquanto países soberanos,



donos das soluções para os seus problemas, e que queremos partilhar essas coisas, que queremos partilhar esse nosso sucesso com os nossos irmãos, porque eu aprendi uma coisa, Chávez, que eu utilizei muito tempo, em que eu dizia: “felicidade, ou a gente reparte ou a gente perde, porque não é possível a gente ser feliz sozinho”. Ora, não é possível nenhum país nosso ser rico e, em torno de si, ter um exército de miseráveis, ter um exército de pessoas passando fome.

Então, se nós pudermos, tivermos a sabedoria de fazer com que tudo o que possamos produzir possa ser partilhado entre nós, será melhor para todo mundo. E nós ousamos, um dia, dizer que era possível mudar a geografia comercial do mundo.

Quando nós afirmamos isso, mais ou menos há dois anos atrás, havia quem nos chamasse de megalomaníacos: “Esse Lula está com megalomania”. A verdade nua e crua é que essas coisas estão acontecendo. Não queremos brigar com ninguém, não queremos ter nenhum adversário. Se for possível conquistar isso só construindo amizades e relações positivas, tanto quanto melhor, que é o nosso desejo. Mas não aceitamos, em hipótese alguma, que alguém diga os passos que temos que dar e o tamanho dos passos que nós temos que dar. Afinal de contas, já faz muito tempo que nós conquistamos a nossa Independência.

E quando Venezuela e Brasil, mais ainda, quando a gigante PDVSA e a gigante Petrobras, porque são quase dois governos, têm mais dinheiro do que os próprios governos, as duas resolvem tomar a decisão de construir, com muita paciência e com muito tempo, um acordo que permite tirar petróleo e gás e, ao mesmo tempo, refiná-lo, em parceria, e, ao mesmo tempo, tentar construir juntas navios para transportar e vender esse petróleo, nós estamos dando um passo gigantesco. Um passo, eu diria que, possivelmente, esteja onde estiver Bolívar, esteja onde estiver o nosso Tiradentes, herói da nossa Independência, certamente ele estará pensando: “Puxa vida, demorou 200



anos, mas está acontecendo agora o que deveria ter acontecido há muito tempo atrás”.

Como eu já fiz o discurso, eu não vou precisar ler, aqui. Mas, Chávez, eu queria te dizer uma coisa, aproveitando os nossos deputados, aproveitando os nossos ministros e os nossos convidados, que passarão dois dias conosco.

Você sabe que aqui, essa decisão nossa, nós temos que dizer que fazer uma refinaria em Pernambuco, não apenas para mim, como pernambucano, mas a homenagem histórica que você quer prestar ao general Abreu e Lima, eu acho que é justa. Certamente tem outros estados que precisam de refinaria. Agora, quem sabe, um dia, nós teremos que fazer outras. Mas, o dado concreto é que foi a PDVSA e o presidente Chávez, que como sócios nossos nesse empreitada, colocaram a necessidade de ser em Pernambuco essa refinaria. E obviamente que um sócio importante, como a PDVSA, tem que ter um pedido muito carinhosamente aceito, porque não é todo dia que arrumamos um sócio da importância da PDVSA. A PDVSA que, antes do governo Chávez, era uma empresa tão poderosa como é hoje, mas que pensava diferente do que pensa hoje.

Eu me lembro de uma vez em que o presidente Chávez, num sufoco muito grande, os empregados fizeram uma greve de vários dias contra ele na PDVSA, o presidente ainda era o Fernando Henrique Cardoso, e o Chávez tinha feito um pedido de gasolina, e os trabalhadores da PDVSA, naquela época, denunciavam no mundo, os que saíram, que eu estava traindo os trabalhadores da PDVSA, porque estava mandando gasolina para a Venezuela.

Eu acho que hoje a PDVSA é uma empresa que sabe, antes de tudo, que ela é uma empresa venezuelana e, portando, tudo que ela poder fazer de bom com o seu potencial tecnológico, com o seu potencial de produção, de exploração, de refino, ela sabe que tem que dar resultados para melhorar a vida do povo da Venezuela.



Ouso dizer para vocês, aqui, que não sei se em algum momento da história, a PDVSA, ou melhor, a Venezuela, teve um presidente que utilizou tão bem os recursos do petróleo para ajudar ao povo pobre da Venezuela e a desenvolver a Venezuela.

Meu caro amigo Chávez, que já não está tão mais... eu não sei se vocês sabem, o Chávez era meio demonizado, aqui, no Brasil. Durante a campanha, alguns adversários meus diziam: “não pode votar no Lula, que ele vai fazer o que o Chávez está fazendo na Venezuela”. E, agora, nessa crise, também disseram, eu fui fazer um comício com o povo e disseram: “é, ele quer fazer que nem o Chávez”.

Primeiro, eu jamais poderia fazer as coisas que o Chávez faz, porque ele é mais jovem do que eu, o país tem muito mais petróleo do que o meu. Mas a verdade, a verdade nua e crua, é que este homem que está aqui sorridente hoje, alegre, já comeu o pão que o diabo amassou nos seus primeiros quatro anos de mandato.

Eu não sei se a América Latina teve um presidente com as experiências democráticas colocadas em prática na Venezuela. Um presidente que ganha as eleições, faz uma Constituição e propõe um referendo para ele mesmo; faz um referendo e ganha as eleições outra vez. Ninguém pode acusar aquele país de não ter democracia. Poder-se-ia até dizer que tem excesso.

Mas, de qualquer forma, este homem, que apanhou como pouca gente apanhou, e o Brasil teve um papel importante, ajudando, conversando, dialogando, este homem, hoje, se transforma num companheiro da maior importância. Não um companheiro do Lula ou um companheiro do Brasil, mas um companheiro da integração. Acho que o Chávez, hoje, é um presidente que a cada dez palavras que fala, ele cita a integração, porque é o que nós acreditamos. Eu não me conformo de ver um país da América do Sul comprando carro de outro Continente, quando nós podemos produzir aqui, na América do Sul.



Então, nós temos todas as condições. E a PDVSA e a Petrobras, que são nossas duas grandes gigantes, estão nos dando uma extraordinária demonstração de que aquilo que parecia impossível não é mais impossível. Eu aprendi também, viu Chávez, que o impossível é apenas mais difícil, mas a gente sempre consegue fazer as coisas que parecem impossíveis.

E quero terminar, aqui, dizendo que muita coisa vai acontecer na América do Sul, ainda. Muita. Obviamente que nós temos que vencer barreiras culturais, hábitos políticos, que não é uma coisa fácil. Mas nós vamos vencer, nós vamos vencer.

E eu queria dizer a todos vocês que é importante lembrar que, se Deus quiser, daqui a uns 30 ou 40 dias, vamos acertar direitinho a questão do terreno, eu vou visitar com o Governador, e aí, Chávez, nós vamos convidá-lo para a terra de Abreu e Lima. E até lá você aprenda a “hablar portunhol”, português, para que possa fazer um grande discurso em português e toda a gente entender perfeitamente.

Porque eu acho que, muitas vezes, os mais humildes não entendem, mas eles sentem, porque, quando as pessoas falam a verdade, Chávez, eu acho que as almas se comunicam, acho que o coração se comunica.

E eu acho que a Venezuela e o Brasil, com esse acordo que firmamos hoje, estão dizendo ao mundo, estão dizendo ao povo da Venezuela e ao povo do Brasil, estão dizendo à América Latina, que a integração não é mais um desejo, é uma realidade.

Meus parabéns. Parabéns ao estado de Pernambuco. Parabéns ao Governador. E se Deus quiser, Chávez, mais acordos faremos.